Vozes discentes e a aprendizagem de E/LE

Ana Lourdes da Rosa Nieves FERNÁNDEZ[1]
Universidade Federal de Pelotas

Resumo

Este trabalho analisa e interpreta relatos de aprendizagem, de um grupo de alunos universitários que estão aprendendo o Espanhol como LE, a luz das idéias bakhtinianas de linguagem. Pretende-se, por meio da materialidade lingüística dos relatos, identificar as vozes que estão presentes nesses trabalhos, e os sentidos que elas produzem para este grupo de aprendizes de E/LE. Para isso, analisam-se relatos de alunos do quinto semestre do Curso de Letras - Habilitação em Espanhol e literaturas de língua espanhola, de uma Universidade do Sul do país. Os dados são obtidos de um conjunto de 13 narrativas de alunos que relatam como aprenderam o espanhol como LE e quais foram as suas experiências mais significativas de aprendizagem de E/LE. A análise dos dados põe em evidencia que nesses relatos estão presentes vários tipos de vozes como: a do desejo, da vontade, da diferenciação, da comparação, da autonomia, da integração, e principalmente a voz da autoridade. Por sua vez, estas vozes apontam para fatores que interferem na aprendizagem de uma LE. Através dessas pode-se constatar também que para este grupo de alunos, aprender uma LE não depende fundamentalmente da metodologia usada pelo professor e sim de muitos outros fatores, motivação, interação, horas de estudo em grupo e/ou individual, da análise contrastiva entre as línguas, estratégias de aprendizagem e principalmente do papel do professor.

Palavras chaves: Vozes discentes, Bakhtin, aprendizagem de E/LE

Considerações iniciais

O russo, Miikhail Bakhtin é um dos maiores pensadores e teóricos da linguagem, do século XX. O seu pensamento, revelado em suas obras, está centralizado na linguagem cujo método de análise é a dialética. O conceito que permeia toda a sua obra é o *Dialogismo*, que é o princípio constitutivo da linguagem. Segundo este autor a concepção dialógica contém a idéia de que a autoria, a produção de idéias e textos é mais bem de índole heterogênea e coletiva. Todo ser humano é um hiper e intertexto, não se constitui de uma única voz, sua experiência de vida se tece e interpenetra através e com a ajuda da voz do outro. Pensar em relação dialógica significa pensar na heterogeneidade e pluralidade de

[1] Doutoranda da UCPEL

vozes, e não na autonomia das mesmas. O discurso de um falante está sempre atravessado por palavras de outros interlocutores, se constitui de varias vozes que se cruzam. De acordo com a concepção bakhtiniana de linguagem, a noção do "eu" nunca é individual, mas social. A consciência de cada um é um fato social e ideológico, que está constituída de um conjunto de discursos (vozes) que a atravessam ao longo se sua vida. È importante salientar, que segundo Bakhtin essas vozes circulam e interagem num diálogo infinito e de forma eqüipolente, isto é, relacionadas.

Bakhtin, vê a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma realidade heterogênea, saturada de valores sociais e vozes do outrem. Ele valoriza a fala, a enunciação, acredita na natureza social da língua, e não no seu aspecto individual.

Segundo Bakthin (2004, p. 108) "os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar".

Portanto, a língua é vista como um conjunto de práticas sócio-culturais que tem formato relativamente estável e está atravessada por um conjunto indefinido de vozes.

Partindo destes pressupostos, aprender uma língua segundo a concepção bakhtiniana requer um contato direto e continuo com a língua alvo, o aprendiz aprende uma língua com o uso, com a prática, na interação com o outro.

A evolução da língua é dinâmica, está relacionada e regida pelas variações sociais. A língua é concebida como um signo mutável. O signo lingüístico, a enunciação, o conteúdo ideológico sempre estão relacionados a uma situação social. Conseqüentemente, a língua por natureza é um elemento vivo e móvel, contem muitos significados e só se aprende no convívio social.

Aprender uma língua faz parte de um processo comunicativo ininterrupto, o aluno aprende através do diálogo, de mediações com o outro, inclusive nas produções escritas. O sentido da língua não está na forma, e sim no uso, nas relações que o aprendiz vai estabelecendo com a mesma.

Portanto este processo não é algo fácil, muitas vezes pode estar perpassado por momentos difíceis, implica conflitos, relações de dominação, submissão, resistência e adaptação em relação ao outro. Aprender uma língua estrangeira significa que o aluno deve

estar sempre fazendo trocas com o professor, com os outros e si mesmo. E é nessa interação, troca e dialogismo de saberes, que se aprende.

Bakhtin não concorda que se estude uma língua, somente, em função dos seus procedimentos de análise lingüística (fonéticos, morfológicos e sintáticos). O estudo de uma língua deve dar-se em função da enunciação, do diálogo, de forma dinâmica. A língua é de natureza social, portanto ideológica, ela não existe fora de um contexto social. No processo ensino-aprendizagem sempre vai existir um interlocutor, ao menos potencial, e esse locutor pensa e se expressa para um grupo social bem definido.

Segundo Faraco (2003, p.55) a linguagem, não é vista como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma realidade axiológicamente saturada, não como um ente gramatical homogêneo, mas como um fenômeno sempre estratificado, saturado de índices sociais de valores.

O Círculo de Bakhtin, também considera a linguagem um fenômeno social de interação verbal. Neste sentido ela não é vista somente como um sistema formal, mas como atividade, como um conjunto de práticas sócio-culturais, que se concretizam em diferentes gêneros do discurso e estão atravessadas por diferentes posições sociais.

Bakhtin (2004, p.123) considera que a verdadeira substancia da língua não está constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pela interação verbal, realizada através da enunciação. A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. E o diálogo é uma das formas mais importantes dessa interação.

Faraco (2003: p.106) por outro lado, considera que todos os tipos de eventos interacionais da esfera do cotidiano ou de outro tipo de esfera mais especializada são sempre compreendidos como relações sócio-culturais.

O que realmente interessa para Bakhtin são as relações dialógicas, entendidas como relações de sentido que decorrem da responsividade (da tomada de posição axiológica) inerente a todo e qualquer enunciado.

Os sujeitos que participam das relações dialógicas não são entes autônomos e pré-sociais, mas indivíduos socialmente organizados. Ou seja, são sujeitos constituídos de feixes de relações sociais e vivem nesses múltiplos feixes, que por sua vez, são

heterogêneos e variam de pessoa para pessoa, mesmo sendo estes membros do mesmo grupo social.

Portanto, entender como esses sujeitos (alunos) produzem sentidos, aprendem é uma tarefa complexa e requer muita observação e análise por parte do interlocutor (professor).

É a partir deste embasamento teórico que vou procurar ler, observar e interpretar os relatos. São as vozes e os sentidos ali produzidos que levarão a pesquisadora a compreender como os alunos falantes de Português aprendem o Espanhol como LE.

1 Metodologia

A coleta dos dados deste trabalho foi realizada através de narrativas de aprendizagem, metodologia esta já usada por pesquisadores como Murphey , (1999), Pavlenko et al. (2000), e no Brasil trabalhos de Paiva (2006), Telles (2004), Barcelos (2006), Fernández (2007), dentre outros.

Através dos relatos os aprendizes tiveram a liberdade de relatar a sua história de aprendizagem, e pôde-se observar as diversas vozes que foram surgindo e apontando para fatores que interferem no processo de aprendizagem desses alunos.

A coleta dos dados foi feita através da análise de treze relatos de aprendizagem de alunos do quinto semestre, noturno, do Curso de Letras -Habilitação em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola, de uma universidade do Sul do país.

Onze relatos são de alunos do sexo feminino e dois do sexo masculino, sendo a faixa etária entre 21 e 35 anos.

A coleta dos dados foi feita pela própria pesquisadora, na sala de aula desses alunos, em setembro de 2006. Todos os alunos da turma se mostraram interessados em participar da pesquisa.

Os alunos receberam uma folha com um comando, que os convidava a escrever um texto sobre a sua aprendizagem da Língua Espanhola dentro e fora da sala de aula. Foi solicitado também que abordassem, entre outros aspectos, os seguintes:

- As motivações que o levaram a estudar espanhol.
- Iniciativas e estratégias que utilizaram para aprender espanhol como LE.

- Dificuldades e soluções encontradas para resolvê-las.
- Que significa saber espanhol?

Os alunos tiveram aproximadamente sessenta minutos para elaborar um texto, onde relataram suas experiências como aprendizes de espanhol e no fim da elaboração, o texto foi entregue à professora, que estava aguardando na mesma sala.

2 Análise das narrativas

Após a leitura atenta dos relatos foram analisadas as diferentes vozes que foram surgindo dos mesmos.

A análise dessas vozes permitiu a pesquisadora ter acesso a dados de grande valia sobre as experiências e expectativas, desses alunos, a respeito da Língua Espanhola.

Num primeiro momento analisam-se as vozes de desejo, vontade, cooperação, esforço, entusiasmo, atitude, que estão relacionadas com a motivação. Os alunos deixam bem claro que a motivação é um fator muito importante para aprendizagem de uma LE, tanto o aluno como o professor, devem estar motivados, uns com vontade de aprender e outros com vontade e disposição para ensinar.

> "O fator mais importante na aprendizagem é a motivação: sem dúvida, a motivação se não é um dos fatores mais importantes, é um dos mais decisivos para se alcançar o sucesso na aprendizagem de uma L2/LE. Quanto maior for a motivação, melhor será a atitude do aluno em relação ao processo, e por tanto, mais elevado será seu rendimento e sua competência comunicativa". (Tradução minha, Gargallo 2000:25)

Os alunos relatam também, que a motivação deve estar presente em todo o processo e com o mesmo grau de intensidade. Para estes alunos estar motivado é estar em interação com seus professores e colegas, ter acesso a inputs adequados e de boa qualidade. É trocar idéias através do diálogo.

> Relato 08 [...] Ainda que a motivação da minha parte seja essencial, creio ser também necessária, a da parte dos professores [...]

Relato 0 4 A motivação que me levou a estudar espanhol, foi mesmo o próprio espanhol [...]

Relato 12 Entrei na universidade muito motivada, mas com o passar dos semestres, sinto minha motivação "indo embora". [...]

Relato 03 [...] Embora não me sinta motivada, porque não temos um acervo disponível, como uma biblioteca no prédio que estudamos, procuro tirar as dúvidas com os professores, que prontamente ajudam.

Relato 09 [...] Quando comecei o curso de Espanhol não tinha nenhuma motivação especial, a não ser pela imensa vontade de ser professora e aprender um novo idioma.

Muitas das vozes encontradas nos relatos estão de acordo com as idéias bakhtinanas de linguagem, que sustentam que aprender uma língua exige interação, convivência com falantes da língua foco de estudo. As vozes de interação, diálogo, permuta estão muito presente nos relatos destes alunos, eles salientam que a troca de conhecimento, de idéias com o professor, colegas ou amigos, de forma presencial ou virtual, é essencial para que se possa aprender uma língua.

A voz da "diferença" também se faz presente nos relatos deste grupo de alunos. Eles relatam que a forma de aprender uma LE pode variar de acordo com as possibilidades e condições de cada um, se pode aprender em um ambiente formal de sala de aula ou através de ambientes informais, como viagens, onde o aluno além de estar em contato direto com falantes da língua pode vivenciar a cultura dos povos que falam a língua que eles estão estudando. Ou seja, "A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida", Bakhtin (2004: 96).

Por outro lado, outro grupo de alunos prefere aprender a língua através de audição de músicas e filmes em espanhol, que também não deixam de ser formas de estar em interação com a língua, a única diferença é o tipo de input ao qual o aluno é exposto.

Outro grupo se vale dos textos literários para aprender a LE, dialogam e aprendem com ele. Segundo uma abordagem filosófica e sociológica, os alunos, através de textos, além de estarem usando a materialidade lingüística, eles estão em contato com aspectos sócio-históricos e culturais da língua, isto é, com a língua viva, estratificada e cheia de valores.

Outra voz que aparece nos relatos é a da "autonomia". Alguns aprendizes são autônomos para aprender espanhol, fazem pesquisas por iniciativa própria, procuram informação em gramáticas, dicionários e/ou na internet. Um aluno faz questão de salientar, que como tem dificuldade para decorar, ele mesmo elabora seus próprios exercícios e os resolve. Este fato é importantíssimo, porque além de mostrar que esse aluno tem interesse o leva à prática da língua e ao enriquecimento dos seus saberes lingüísticos. Bakhtin (2004) salienta que a aprendizagem de uma língua "apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta", ou seja, sempre estamos aprendendo.

Emergem também dos relatos as vozes de integração, confrontação, cotejo, e diferença. Por outro lado, vários alunos salientam a importância da análise contrastiva, como estratégia de aprendizagem. Bakhtin (2004: 108) destaca que "é apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída ─graças à língua materna─ se confronta com uma língua pronta, que só lhe resta assimilar." Por sua vez, Revuz (1998: 215), também salienta que a aprendizagem de uma língua estrangeira está relacionada à língua materna do aprendiz. "Pode-se aprender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua".

Vejamos o que nos relatam os alunos:

> Relato 01 [...] Tento fazer uma mescla das estratégias para aprender a língua.[...]

> Relato 03 [...] busco informações na internet e com amigos. Assim aprendo espanhol utilizando muito o dicionário e os professores.

> Relato 04 [...] Uso o espanhol na sala de aula, na internet e viagens [...] e acredito que para falar fluentemente, nada melhor que o contato direto com os falantes nativos.

> Relato 05 [...] Para desenvolver a aquisição desta nova língua procurei fazer leituras, leitura esporádica do dicionário e até quando não estou na faculdade tento formular, conversar na minha cabeça em espanhol.[...]

> Relato 07 [...] Geralmente quando o professor não dá muitos exercícios, eu os busco ou crio, pois tenho dificuldades em decorar, tento então entender .[...]

> Relato 08 [...] Estudo em casa, ouço músicas e tento viajar na medida do possível, para entrar em contato com a língua e a cultura do povo que a utiliza. Utilizo estratégias para aprender a LE como, por exemplo, a análise contrastiva entre português e espanhol. Julgo importante saber os pontos de contato e divergência entre as duas línguas, pois assim, aprendo as duas línguas.

> Relato 10 [...] Para aprender espanhol eu escuto músicas, filmes, leituras em fim tudo que tenho ao meu alcance. [...]

> Relato 13 [...] Gosto de estudar a língua através de textos como literários, letras de músicas, textos imagéticos como filmes, entre outros. Na faculdade procuro uma formação para o ensino de língua, mas isto tem uma dimensão muito maior em minha vida, já que fora da universidade busco um sentido entre língua, ser e contexto social. [...]

Salientam-se também, nos textos, as vozes de "compreensão, autoridade, apreensão e injustiça". Alguns alunos tiveram dificuldades em compreender os conteúdos apresentados pelos professores, o que nos indica que aprender uma língua não é algo fácil, requer estudo, pesquisa e depende das dificuldades de cada um.

A voz mais enfática que surge dos relatos está relacionada à autoridade do professor. O discurso autoritário do professor vai contra os princípios de Bakhtin, que acredita na polifonia, no conjunto de vozes que circulam e interagem. Schnaiderman

(1999:16) salienta que (...) “a linguagem autoritária reduz tudo a uma única voz, sufocando a variedade e riqueza que existe na comunicação humana”.

Essa característica dos professores parece ser tão comum, que Perrenoud (2000:152) comenta que quando se pergunta aos alunos, do mundo inteiro, o que eles esperam dos professores, eles dizem a grosso modo: “ um certo calor e senso de justiça”. Segundo este mesmo autor, o professor além de uma orientação ideológica estável, ele deve dominar “técnicas de justiça” globalmente aceitas, sabendo que haverá aqui ou ali, uma nota em falso, mas que no conjunto, seus alunos reconhecerão que *ele faz o melhor que pode*.

O professor deve ter unidade e coerência em sua postura, não deve existir divergência entre seu discurso, sua postura durante as aulas, e nem mesmo nos momentos de fazer as cobranças. Se pretendermos ser professores coerentes, reflexivos, devemos ter uma prática docente que esteja sempre de acordo com o nosso discurso. As vozes que emergem dos relatos mostram, que para este grupo de alunos, a postura de certos professores, pode trazer conseqüências negativas e dificultar a aprendizagem dos alunos.

> Relato 06 [...] às vezes me sinto perdida em relação aos conteúdos apresentados [...]
>
> Relato 09 [...] As dificuldades e problemas se apresentam já no segundo semestre, com as dificuldades de aprender e principalmente falar em espanhol. [...]
>
> Relato 12 [...] sei que as dificuldades são normais durante uma aprendizagem de língua e para resolver as dificuldades e aprender melhor eu procuro sozinha em minha casa, fazendo pesquisa , estudando em gramáticas e fazendo um estudo que muitas vezes não sei se é correto, mas aprendo assim.
>
> Relato 05 [...] As maiores dificuldades que encontrei na faculdade e, para mim foi muitas vezes um balde de água fria, foi encontrar professores que realmente não querem ajudar, ou seja alguns professores te passam um conteúdo, te dão

> uma explicação de um jeito, mas cobram outra coisa, sabe aquele ditado: "moral de cueca", acontece que isto acaba desestimulando os alunos. [...]

> Relato 07 [...] Às vezes se torna difícil, pois o professor exige mais do que ensina e nem sempre temos à nossa disposição onde buscar mais material nem tempo. [...]

Antes de finalizar esta análise gostaria de salientar, que as vozes destes alunos em nenhum momento fazem alusão à metodologia usada pelos professores. Este é um fato que novamente chamou a atenção da pesquisadora, visto que, antes de analisar os dados deste trabalho, acreditava que a metodologia do professor poderia ser um dos fatores que interferisse significativamente no processo de ensino-aprendizagem.

Conclusão

As informações obtidas, através das vozes, vêm a confirmar a concepção bakhtiniana de linguagem, que defende que a melhor forma de aprender uma língua é através da interação com os interlocutores, isto é, através do diálogo.

Os dados mostram, também que ensinar e aprender espanhol como língua estrangeira requer competência e conhecimento por parte do professor e do aluno.

Aprender espanhol, para este grupo de alunos, não depende fundamentalmente da metodologia usada pelo professor e sim de muitos outros fatores, como motivação, estratégias de aprendizagem e papel do professor.

Ficou evidente também, que a análise contrastiva é muito significativa na aprendizagem de E/LE.

Outra das conclusões é que o professor como sujeito heterogêneo, que caminha em busca da sua completude, deve procurar, sempre que possível, ouvir os alunos, dar atenção a suas falas e instaurar com o aprendiz um diálogo fraterno, ético e profissional. O professor deve entender que aprender uma LE é um processo complexo, aberto, que deve ser construído ao longo de um tempo e através da interação e troca de conhecimento.

Referências bibliográficas.

BAKHTIN, Mikhail .O discurso no romance. In.: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romanc**e (1934-1935). Trad. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov)**. Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec Annablume, 2004.

BARCELOS, Ana Maria. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. **Linguagem & Ensino**, v.9,n.2p.145-175. Pelotas: Educat, 2006

FARACO, C..A. **Linguagem & diálogo**: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Criar Edições, Paraná: 2003.

FERNÁNDEZ, Ana Lourdes. O que significa aprender uma LE: contribuições de histórias de aprendizagem. In: **VIII Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada**, 2007, Brasília. Brasília: ALAB, 2007. p. 297.

GARGALLO, S. Isabel. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera.** Arco /Libros. Madrid: 1999

MURPHEY, Tim. **Between the Keys, the Newsletter of the JALT Material Writers SIG** 7(2).Disponível em:<http://www2.dokkyo.ac.jp/~esemi029/articles/LanguageLearningHistories.htm> Acesso em: 14 abr. 2007.

PAIVA, Vera Lúcia. Memórias de aprendizagem de professores de língua inglesa. **Contextura,** n.9, 2006. Disponível em: <http://veramenezes.com/narprofessores.htm>. Acesso em: 06 mar. 2007.

PAVLENKO, A; LANTOLF, J.P. Second language learning as participation and (re) construction of selve. In: LANTOLF, J.P. (Ed) **Sociocultural theory and second language learning.** Oxford: Oxford University, Press, 2000.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do Exílio. Tradução de Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. **Língua(gem) e Identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 2002.

SCHNAIDERMAN, Boris. Bakhtin 40 graus (uma experiência brasileira). In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

TELLES, J. Reflexão e identidade profissional do professor de LE: que histórias contam os futuros professores? **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada,** v.4, n.2, 2004.